


Mulheres, o mar, os corpos

 <https://doi.org/10.56238/sevened2023.002-003>

Rose Mary Gerber
Dra. Antropologia Social, Epagri

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de
Santa Catarina.

RESUMO

Este artigo advém de minha pesquisa com pescadoras embarcadas na pesca artesanal em Santa Catarina, Sul do Brasil, que resultou na minha tese de doutorado em Antropologia Social pela UFSC em 2013. Na ocasião de meu campo, fiquei seis meses em Portugal e circulei entre diferentes pescadoras. Discorro sobre quem são as pescadoras embarcadas, que trabalham em embarcações pequenas, deslocando-se ao mar e retornando a terra diariamente em períodos que oscilam de três a 16 horas, dependendo o tipo de pesca que realizam. Após, me detenho, em diferentes tópicos, sobre o corpo na pesca, seja como central no exercício de ser pescado, assim como prova da profissão e da metamorfose do desgaste impresso no exercício de constituir-se pescadora.

Palavras-chave: Pescadoras, Pesca, Corpos, Mar.



1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco de reflexão pescadoras embarcadas em Santa Catarina, Sul do Brasil, que atuam na pesca artesanal. Trata-se de mulheres que muito cedo iniciaram neste mundo plural, ou por necessidade da família devido à vulnerabilidade financeira, ou porque, aliado a esta situação se apaixonaram pelo mundo que se mostrava instigante aos seus olhos de menina.

Não atua na pesca quem quer. É preciso ter um corpo para a pesca, um corpo que resista às intempéries, que não enjoe e que retenha a urina o máximo possível. Os corpos femininos escondem suas formas quando envolvidos nos macacões de pesca, feito para homens, pois se supõe que ali, no mundo das pescas que embarca, as mulheres não poderiam estar.

O corpo na pesca é memória e desgaste da profissão sendo que as mãos são uma das partes que denota: é pescadora; é pescador. Simultaneamente, o corpo é uma prova necessária nos casos de naufrágios. Sem corpo, não há morto. Não existe viúva de pescador quando ele continua desaparecido. Não há assistência rápida, nem permissão para se viver a perda e o luto. Assim são os corpos, e assim é sua centralidade neste mundo, que é fonte de sobrevivência, mas também de apaixonamento. É preciso gostar da pesca para nela continuar, costumam dizer estas “mulheres de valentia”.

2 AS PESCADORAS

As pescadoras as quais se refere este artigo vivem em Santa Catarina, Sul do Brasil, e foram foco de meu doutorado em Antropologia Social pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) durante 11 meses de trabalho de campo. A partir desta convivência, cheguei a quatro formas centrais de ser pescadoras, que denominei como: a) as que trabalham embarcadas diariamente; b) as *stand by*; c) as que coletam a beira d'água; e d) as que trabalham em terra.

Em relação às embarcadas, estão as que atuam nas embarcações em rios, lagoas e mar, na pesca de peixes diversos, camarão, siri, ou peixes específicos. *Stand by* são aquelas que não vão para o mar todo dia, mas quando é necessário, estão prontas. Por exemplo, quando o camarada que trabalha com o marido falta ao trabalho. Sobre as que coletam a beira d'água, encontrei as que lidam com berbigão. As que trabalham em terra estão inseridas no processo que faz a pesca funcionar, como comercialização, limpeza, beneficiamento, aí incluídos processos de descasque de camarão, filetagem de peixe, desconchamento de mexilhões, extração de carne de siri, para citar alguns exemplos.

A maioria das mulheres com as quais convivi iniciou na pesca muito cedo, 8, 9, 10 anos. Mulheres cujas trajetórias são pautadas por dificuldades econômicas, de *pobreza*. Meninas que saíram da escola, pois tinham que trabalhar. Geralmente eram as filhas mais velhas e foram chamadas sem que lhes perguntassem se queriam trabalhar na pesca. Precisava-se delas. E elas foram. Outras se impuseram na pesca, mesmo os pais não querendo que saíssem para o mar. A curiosidade em saber como era pescar lhes instigava desde cedo. Outras tiveram os maridos como seus mestres no

aprendizado. Algumas foram, elas próprias, as mestras de seus companheiros. Diziam-me que se *acostumaram* com a atividade; ou que é *só isso* que sabem fazer. Em comum, o riso, o bom humor e a jocosidade, aliados ao uso de expressões como *gostar, amar, ter paixão, vício* pela vida no/do mar.

3 SOBRE O CORPO NA PESCA

É preciso ter um corpo para a pesca, me diziam as pescadoras com as quais convivi, seja no Brasil, seja em Portugal continental ou Açores. Tal assertiva diz respeito a um corpo, o qual é construído na e pela pesca pelo adestramento corporal que se faz na repetição cotidiana em que a disciplina do corpo em relação às necessidades fisiológicas, o controle do enjoo, o uso da força são centrais. O corpo é fabricado num contínuo, na experiência da/na pesca: a força, a mão, a coluna vertebral, as pernas, os ombros, os olhos. As pescadoras fazem a pesca. E a pesca as faz, sendo que em suas narrativas emergem ponderações sobre a construção de seus corpos, *moldados* desde muito cedo para práticas que exigem simultaneamente flexibilidade, firmeza, força, tolerância aos movimentos da embarcação.

As pescadoras me falam de um corpo que se molda e que, portanto, fica diferente. A forma como elas conseguiam me definir sobre esta diferença era dizendo que seus corpos parecem “um corpo de homem”. No entanto, esta definição poderia ser uma fala delas direcionada a mim como uma justificativa tendo em vista que, em uma sociedade hierárquica segundo pressupostos de gênero, elas emergem como mulheres que tem um corpo para a pesca. Por outro lado, elas me falavam sobre a percepção de uma diferença entre elas e as mulheres que vivem em outros contextos: a forma de sentar diferente, a maneira de andar, de vestir, de ser. Embora algumas digam que a pesca alia força e jeito, dizem também que são mais *fortes, embrutecidas, rudes, mais para homem*, numa alusão direta aos postulados de gênero que diferenciam a fraqueza, a meiguice, a fragilidade para as mulheres em contraponto ao que as pescadoras definiam como sendo *mais para homem*.

Segundo estas mulheres, faz parte e está nas exigências da profissão de pescadora ter força e *coragem* em alguns momentos, jeito e agilidade em outros. A meu ver, este adestramento corporal faz com que ocorra uma composição com a embarcação de um só corpo, um corpo-embarcação, em que a embarcação mostra-se, aos meus olhos, continuidade do corpo de quem pesca; e o corpo de quem pesca, por outro lado, faz-se, também, continuidade da embarcação.

Nas idas ao mar, eu percebia que os corpos das pescadoras aderem à embarcação, como uma continuidade dela enquanto eu sentia que o meu ficava solto, mas em uma soltura insegura que dizia respeito exatamente à rigidez de um corpo que não se moldou na/para/pela pesca. À medida que a embarcação avançava no mar, seus corpos seguiam o ritmo sem qualquer alteração do que eu definiria como uma mobilidade imóvel embarcação/corpo enquanto que o meu seguia em uma imobilidade móvel, embarcação *versus* corpo, onde eu tinha vontade de me agarrar à embarcação para não cair



quando ela, ao balançar, me jogava junto. A pescadora seguia tranquila, sentada ou em pé. Seu corpo, ao contrário do meu, não era jogado, mas acompanhava o movimento da embarcação, continuidade de seu próprio corpo.

Em Maluf (2001) encontramos a proposta de que o corpo seja olhado, “não apenas como objeto da cultura, mas como também dotado de agência própria; não apenas como receptáculo de símbolos culturais, mas como produtor de sentido” (MALUF, 2001, p.88). Neste aspecto, o corpo das pescadoras é produtor de sentido construído pela, para e na pesca, em que a pesca as constrói e elas constroem a pesca. *São anos assim!*

É interessante trazer aqui Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1979) que se referem às populações ameríndias em que uma ideia central diz respeito à fabricação do corpo na trajetória dos indivíduos. Ao citar como exemplo a perfuração labial e auricular definindo-a como uma penetração gráfica, física, da sociedade no corpo, os autores afirmam que é ela quem cria as condições para engendrar o espaço da corporalidade, que é a um só tempo individual e coletiva, social e natural (SEEGER, DA MATTA e VIVEIROS DE CASTRO, 1979, p. 15). Conforme corrobora Maluf (2001), “alguns exemplos dessa corporificação da experiência, ou centralidade do corpo na experiência coletiva e individual, são a forma pela qual se dão, em muitos desses grupos, o aprendizado e a socialização das crianças [...]” (MALUF, 2001, p. 93).

A partir destas ponderações sobre as sociedades ameríndias, me parece possível propor uma aproximação com os territórios da pesca. Se, por um lado, as populações pesqueiras estariam inseridas em sociedades ditas ocidentais, por outro lado, se afastariam no sentido de denunciar o que, em princípio, seria um olhar dicotômico do ocidente sobre o corpo. Os dados de campo de minha pesquisa me levam a pressupor uma complexa heterogeneidade quando pensamos em sociedades ocidentais no sentido postulado por Maluf (2001) em relação às sociedades ameríndias.

Se certas experiências sociais contemporâneas, como nas sociedades ameríndias, estão voltadas para a “fabricação de corpos” que – investidos de agência e subjetividade – “fabricam cultura”, é também da fabricação de pessoas (e de sujeitos) que se trata. Elas também, não sendo uma “coisa dada”, são produto e produtoras de sentidos e de novas experiências (MALUF, 2001, p. 99).

Conforme Maluf (2001) caberia perguntar se estamos tratando do mesmo corpo frente aos inúmeros fenômenos com os quais nos confrontamos em que questões sobre sujeitos, agenciamentos, fabricação, entre outras, precisam ser problematizadas. Por outro lado, embora tenhamos que nos questionar sobre que corpo e a partir de qual prisma se está falando quando se fala, as discussões reverberam cada vez mais profundamente nos espaços de discussão da antropologia. Um exemplo profícuo que aqui faço alusão diz respeito à Maluf (2001), que traz um rico material em que, após percorrer autores como Mauss, Hertz, Leenhardt, Foucault, se embrenha em uma discussão sobre contemporaneidade e pessoa, aludindo ao fato de que é central conectar a uma discussão sobre corpo



e corporalidade, uma reflexão sobre pessoas e suas formas culturais específicas considerando que somos produtos e produtores de corpos, culturas, sujeitos.

É interessante pensar que as populações pesqueiras teriam muito mais em comum com as sociedades ameríndias do que inicialmente se poderia supor no que diz respeito às experiências coletivas e individuais que perpassam a construção de corpos nos processos de aprendizado da pesca onde são investidos *anos seguidos* para que o corpo se molde. O processo de aprendizado na pesca é doloroso quando exige do corpo suportar mais peso do que, inicialmente, suportaria; ou quando testa os limites corporais, como o controle do vômito. Alguns desistem, não conseguem continuar ou não são aceitos porque não aprendem a lidar com o enjoo, por exemplo. A grande maioria acaba por conviver com o mar após anos de *treinamento*. No entanto, casos me foram relatados de, após anos na pesca voltar a ter, ou ter pela primeira vez, episódios de enjoo. Questiono se seria o corpo apontando sinais de seu nível de exaustão em uma profissão extenuante, cujo cansaço se manifestaria na aversão corporificada em forma de vômito.

Embora alguns verbalizem que *pescador* “já é quando tem que ser”, considero que não se nasce, aprende-se a ser na construção do próprio corpo e de uma corporalidade para a pesca. A pesca inventa e especializa a pescadora. E ela se (re)inventa e inventa a pesca.

4 ROUPAS QUE FABRICAM CORPOS

O tempo vivenciado na pesca imprime aos corpos e à corporalidade das mulheres pescadoras formas específicas de como a materialidade da vida na pesca se mostra, seja no vestir, sentar, caminhar em que elas próprias reconhecem como diferentes seus próprios corpos se comparados a outras mulheres que não atuam na pesca. Macacão de oleado¹, botas maiores do que o pé para facilitar retirá-las em caso de naufrágio, gorros, casacos e cabelos curtos ou sempre bem presos para evitar acidentes são exemplos das exigências e da indumentária da pesca. Escondidos atrás de camadas de tecido ou do plástico grosso dos macacões, seus corpos passam por uma fabricação e por uma dissimulação corporal que as igualaria aos homens tendo em vista que, segundo as pescadoras, seriam roupas “masculinas; de homem”.

¹ Macacão feito de uma espécie de plástico grosso, cujo nome advém de épocas passadas em que os pescadores literalmente passavam óleo na roupa para que tivesse uma maior durabilidade, segundo depoimento oral.

Figura 1. Macacões de oleado



Figura 2. Homem, mulher, a mesma roupa. Arquivo pessoal



“É um corpo de mulher em roupa de homem”, em que a indumentária é composta de calças que permitem uma mobilidade corporal, sobrepostas por macacão de oleado feito para homens, cujo desenho frontal, na maioria das vezes representando uma abertura para dar vazão ao pênis, não deixa dúvida. Gorro, macacão, capa, luvas e botas transformam os corpos e todos ficam, mais ou menos, iguais. Homens e mulheres.

As pescadoras consideram que a indumentária contribui para a construção do corpo para/na pesca e é um dos fatores que faz com que se tenha uma noção pré-concebida de que não existem mulheres que embarcam tendo em vista que os corpos femininos desaparecem por trás de roupas feitas para corpos de homens.

Quem vai dizer que nós estamos no mar se quem olha de longe parece tudo homem? Parece ser tudo o mesmo corpo com a mesma roupa.

Por isso dizem que não tem mulher na pesca. A roupa que usamos é roupa de homem. Nosso corpo vira um corpo de homem: é calça larga, macacão, bota grande, luva. Tudo é roupa de homem. Não existe roupa de mulher na pesca.

Ao questionar-lhes o porquê de suas afirmações, o tempo emergia como central. Diziam-me que são anos vividos na/da e para a pesca em que muitas começaram cedo e viram seus corpos sendo, de tal forma, modelados pela pesca, e a pesca sendo modelada por elas, que muitas já não conseguem se vestir ou andar com roupas que não sejam as que a pesca exige, como calças compridas, confortáveis e largas. Trata-se de corpos que são reconhecidos e que se reconhecem como diferentes do que se

esperaria ser um corpo de mulher em terra. Trata-se de roupas fabricadas para homens e que, ao serem usadas por mulheres, constroem corpos que, vistos de longe e sem uma atenção mais aproximada, daria a todos os corpos a mesma forma. Homens e mulheres usando a mesma roupa teriam um só corpo: de homem.

Se a pesca tem uma diversidade de ser feita, há nela um ponto em comum que diz respeito ao que é um corpo para a pesca, que implica em uma forma de se vestir em que saias, vestidos, roupas coladas se tornam impossíveis de serem usados. Os gorros geralmente dissimulam os cabelos, as luvas disfarçam as mãos, macacão e botas transformam os corpos e escondem qualquer corpo mais longilíneo. Todos os corpos ficam mais ou menos compostos de macacão e capa. Ou seja, muito iguais. Homens e mulheres.

Se as roupas, em princípio, para homens, fabricam também corpos de mulheres, moldando formas de ser e estar, os corpos destas mulheres também fabricam e inventam roupas. A partir do que o mercado (não) oferece. Por exemplo, só existe macacão de oleado com corte masculino, as mulheres criam formas de conviver melhor com o que dispõem e re-inventam a indumentária para a pesca e para seus corpos. Uma pescadora, por exemplo, chegou à conclusão que teria como colocar um zíper de textura maleável entre as pernas, o que facilitaria às mulheres urinar em alto mar.

Por outro lado, algumas das pescadoras usam expressões como “estar nua; se sentir nua” para falar sobre a dificuldade de usar saias ou vestidos depois de anos construindo um corpo que aprendeu a andar de calças. O imaginar-se sem calças compridas faz com que as pescadoras denominem esta situação aludindo à nudez em que falam de desconforto e impossibilidade de se imaginar de outra forma que não usando uma roupa que, em princípio, seria moldadora de corpos construídos na pesca.

5 CORPOS: OS RISCOS; A MORTE

Há um desgaste registrado no corpo, e na corporalidade em que coluna vertebral, pernas, olhos e, talvez de maneira mais evidente, as mãos, são ostensivamente usados de forma permanente. Simultaneamente, este corpo, testemunha de saberes-fazeres próprios da profissão, é passível do risco de, a qualquer momento, desaparecer em alto mar. A possibilidade de naufrágios com a qual convivem está estritamente ligada à imprevisibilidade da perda de vidas ou de antecipação de acidentes. Intempéries repentinas, ventos imprevisíveis, mudanças de maré, alterações no trajeto da pescaria, peças da embarcação que quebram de forma inesperada podem provocar naufrágios ou momentos de tensão enquanto se fica à deriva ou à espera de socorro.

Por vezes os episódios de naufrágio levam à morte de pescadores, sendo que o corpo é considerado central para que a confirmação do óbito se efetive. Como o corpo tem esta centralidade, há alguns cuidados que devem ser observados no registro de detalhes, como altura e cor dos olhos.

Para efetivação do processo de reconhecimento, o corpo teria que aparecer para comprovar a morte, vindo a possibilitar o fornecimento do atestado de óbito. Em não aparecendo o corpo, não há provas. Em não havendo provas, só resta à esposa do pescador, por exemplo, esperar até que passe o tempo do tempo definido como necessário para comprovar a *ausência*. A esse respeito, a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, do Código Civil, cujo Capítulo III, da Ausência, define os trâmites necessários quando esta é decretada.

Segundo a experiência de pescadoras que perderam seus maridos, filhos ou pais, foram cerca de três cinco anos de espera para receber alguma assistência do governo tendo em vista que faltava a prova central que comprovasse o fato da morte: o corpo.

Trata-se de anos de espera para que se considere que o tempo do desaparecimento tenha sido suficiente e venha a se efetivar o direito a receber o benefício de pensionista como viúva de pescador tendo em vista que a lei que regulamenta esta questão de desaparecidos é uma lei federal que trata de forma indiferenciada a todos os brasileiros, não levando em conta peculiaridades como esta dos pescadores que desapareceriam, não por questões outras, mas tão somente por um acidente de trabalho. Não havendo corpo, não há como efetivar a comprovação da morte. Não havendo esta comprovação, a família do pescador fica em uma situação mais vulnerável do que qualquer outra já vivida, considerando que são anos de espera e de falta de assistência, aliado ao processo de luto que não tem fim.

Butler (2006) se refere ao luto questionando-se se há como saber “quando se elabora um luto, ou quando alguém termina de fazer o luto por outro ser humano [...]” (BUTLER, 2006, p.46). E acrescenta que “talvez um luto se elabore quando se aceita que vamos mudar a causa da perda sofrida, provavelmente para sempre. Quiçá o luto tenha a ver com aceitar sofrer uma mudança (talvez se deveria dizer *submeter-se* a uma mudança) cujo resultado não se pode conhecer de antemão” (BUTLER, 2006, p.47).

Em relação às viúvas de pescadores há, a meu ver, um *submetimento* duplo. Primeiro, pelo que se aplica a todos os humanos, e que Butler definiu como um *nosotros*. Ou seja, o fato de que estamos implicados na iminência de perdas, a qualquer momento. Por outro lado, ao se submeter a uma situação que poderíamos denominar de um *devir viúva* em que ela não deixa de viver o processo de luto, embora resguarde a esperança de que o outro volte, também vive uma situação de vulnerabilidade extrema enquanto não lhe reconhecem como tal. Já não é “mulher de pescador”, mas também não pode se declarar viúva. De alguma forma, ela desaparece com o laço pelo qual se reconhecia. Como resume Butler (2006): “Que ‘sou’ sem ti? Quando perdemos alguns dos laços que nos constituem, não sabemos quem somos nem o que fazer. Em um nível, descubro que te perdi a ‘ti’ só para descobrir que ‘eu’ também desapareço.” (BUTLER, 2006, p.48).

Continuando em diálogo com Butler, corroboro sua afirmação quanto a dizer que “deveríamos avaliar e opor as condições sob as quais certas vidas humanas são mais vulneráveis do que outras, e certas mortes mais dolorosas do que outras” (BUTLER, 2006, p.57). Embora toda vida humana seja vulnerável, algumas são mais do que outras. É preciso considerar diferenças centrais que extrapolam a vulnerabilidade humana em comum levando-se em consideração que há vidas, mortes e lutos mais dolorosos.

6 O CORPO COMO MEMÓRIA DA PROFISSÃO

Além da possibilidade constante de naufrágios, os acidentes são comuns na pesca, extremamente perigosa por se trabalhar no mar, mas também pelos apetrechos com os quais se lida como anzóis, ferros, motor, linhas de nylon, entre outros, aliado aos acidentes com pescados, como mordida de peixes, perfuração com ossos e espinhas, cortes ou perda de partes do corpo em peças da embarcação.

As pescadoras têm muitas narrativas sobre acidentes, sustos, imprevistos. Ao me narrar, além de acionarem suas memórias sobre os episódios vividos, acionam também o corpo como prova materializada em forma de cicatrizes, falhas ou mutilação de dedos, pernas, braços. A memória ativada com riqueza de detalhes tem no corpo a prova do ocorrido. Após os acidentes sofridos, precisaram fazer pausas, mas continuaram na pesca tendo em vista a necessidade financeira. Com o tempo, os episódios de acidentes foram parcialmente esquecidos tendo em vista que é no próprio corpo mutilado, deformado, que a materialização destas lembranças ficou registrada e que, portanto, não as deixas, de todo, esquecer.

Uma das pescadoras, por exemplo, ficou careca há anos atrás quando o cabelo ficou preso no eixo da embarcação. Segundo a mesma, foi a experiência mais difícil em sua trajetória de pescadora, pois se viu privada dos cabelos, para ela, muito importante, pois considera um “complemento para o rosto”. À medida que me narrava sua experiência eu ficava impressionada com os detalhes do acidente que a mesma rememorava: a percepção do barulho estranho em uma peça da embarcação, o breve vacilo, a perda total de seus cabelos e o indício de um sangramento. “Sorte que não arrancou o couro”. Ao ouvir esta frase, imagens de deformidades faciais me vinham à mente, mas foi apenas em Portugal que me dei conta da dimensão do que ela tinha narrado quando um brasileiro que assistia a uma palestra que ministrei sobre minha pesquisa, me sugeriu buscar informações a respeito de uma associação de escarpeladas na região Norte do Brasil. Lá mesmo iniciei uma investigação pela internet, me deparando com imagens de mulheres e meninas vítimas de escarpelamento.

De acordo com o site da Associação Sarapó², escarpo é o nome científico do couro cabeludo, e escarpelamento em embarcações ocorre quando o escarpo humano é arrancado de forma brusca com

² <http://www.sarapo.com.br>

grande quantidade de cabelo, que é puxada de forma inesperadamente rápida quando se enrola em motores em grande rotação. Na grande maioria dos casos, além do escalpo são arrancadas orelhas, sobrancelhas e parte da pele do rosto e pescoço, levando a deformações graves, ou até a morte. Este tipo de acidente costuma ocorrer em embarcações, com pessoas de cabelos compridos, ao se aproximarem de partes móveis do barco, como o motor ou o eixo, e acontece muito frequentemente na Região Norte, onde o transporte por barcos é mais comum. Ainda segundo o site, visando erradicar o escalpelamento foi aprovada, em seis de julho de 2009, a Lei 11.970.

Alguns depoimentos das mulheres escalpeladas de estados como Pará e Amapá dizem não ver problema maior na perda de cabelo, pois o uso de peruca supre esta falta. O que mais lhes aflige é a deformidade facial devido à perda de orelhas e partes do rosto. A pescadora que me narrou este fato, por sua vez, embora com o escalpo preservado, ao se dar conta de ter o cabelo arrancado, se viu de tal forma fragilizada que desencadeou um processo de depressão. Tanto as mulheres da região Norte do Brasil quanto esse exemplo, em Santa Catarina, aponta a necessidade de ações mais contundentes em termos de prevenção de acidentes junto às embarcações. Guardadas as proporções das deformidades corporais entre carecas, cuja perda do cabelo é reversível; e escalpeladas, em que a reposição de partes da face se faz de forma parcial e após sucessivas cirurgias reparadoras, as repercussões nas suas vidas são irreversíveis, emocional, afetiva, psicológica e economicamente.

7 CORPO-MÃOS: PROVA DA PROFISSÃO

É possível afirmar que o corpo aponta os corpos sentidos: ver, ouvir, tocar, sentir, e serve como prova da trajetória de vida, no corpo em agilidade e rapidez ao fazer o que fazem, e especialmente, segundo elas, no corpo-mãos, sobre o qual me detenho a seguir.

O corpo é central como sujeito no qual as afetações com as quais nos deparamos deixam marcas no processo de fazermo-nos. Latour (2004) entende que corpo é o oposto de estar morto e que construir um corpo é ser afetado, é estar apto e aprender sobre afetações no sentido de que é por ele, o corpo, relacional, que aprendemos a aprender. Há assim, segundo Latour, gradativamente, a construção de corpos que reagem de diferentes formas a odores, imagens, sons em que o corpo/sujeito está onde o aprender a ser afetado se mostra. Enfim, nossos corpos se fazem no aprender a ser afetado (LATOUR, 2004).

Afetar-se pela/na pesca é construir corpos onde o que poderíamos denominar de corpo-mãos é central. O uso e desgaste da pesca estão no corpo-mãos, usado de forma frenética pelas pescadoras para puxar, jogar, remendar redes e tarrafas; e pela grande maioria de mulheres em terra, para eviscerar peixes, limpar siri, descascar camarão, fazer ou remendar redes, numa especialização da rapidez que não permitia à antropóloga qualquer registro fotográfico que não o solicitado em forma de *pause*.

O corpo-mão, por um lado, é evocado pelas pescadoras, como sendo prova suficiente de suas trajetórias na pesca e, portanto, para a conquista de direitos, como a aposentadoria. Mãos marcadas, desgastadas. Por outro lado, diz respeito à materialização de uma memória da profissão cravada no desgaste físico, onde o corpo apresenta sulcos e marcas formados pelo sol e pelo sal com o qual se convive diariamente, o que resulta em uma espécie de metamorfose mais acelerada no processo de envelhecimento. Neste aspecto, Vasseur (2004) se refere à percepção do processo de metamorfose pelo qual o corpo passa no decorrer do tempo em que as fotografias seriam um meio com o qual nos depararíamos com a visão da própria metamorfose corporal que o envelhecimento e o desgaste do tempo vão imprimindo sem que nos demos, de imediato, conta.

[...] há finalmente uma metamorfose da qual não pode escapar: essa do tempo que deforma e altera a carne [...] nosso corpo está, em vida, em perpétua metamorfose. Mas é, na maioria das vezes, uma metamorfose imperceptível cujos efeitos só são visíveis à distância; através do olhar daquele que, durante muito tempo, não mais nos viu. Nas fotografias onde se conseguiu captar, para sempre, um instante que já passou (VASSEUR, 2004, p. 185).

Não só ao se depararem com as fotografias que eu ia fazendo, mas meu próprio corpo se mostrou foco de estranhamento sobre a metamorfose em forma do envelhecimento visualizado no desgaste acelerado de seus corpos. Ao perguntarem minha idade, elas verbalizavam a percepção do que denominavam de se acabar mais rápido: “és mais velha do que eu na idade, mas no rosto, nas mãos, olha pra mim! Estou muito mais acabada. Isso é da vida na pesca”. Percepção que falava de um rápido desgaste físico em que a pesca deixa marcas irreversíveis em seus corpos, seja no rosto vincado pela exposição diária ao salitre, ao vento, ao sol, que, de forma geral, lhes fixa na face mais idade do que a registrada em seus documentos; seja nas dores nas costas e nas pernas inchadas pelos longos períodos em que ficam em pé. Porém, a forma mais visível se mostra nas mãos.

O corpo-mão que envelheceu na pesca já não tem a mesma elasticidade que mãos juvenis ou mãos de outros contextos e afazeres. Corpo-mão que já não estica totalmente, ficando mais voltado para dentro, ressecada, calejada e grossa; ou muito fina e fragilizada. Corpo-mão que se moldou no cotidiano do mar. Um corpo que testemunha o percurso de trajetórias de vida diferenciadas de contextos citadinos, e que emerge na materialidade que aquele corpo-mão, de forma muito peculiar, registra. Ao contrário do perfumista de Latour (2004) cujo aprendizado se dá por meio e a partir de um kit, é o corpo da própria pescadora que serve e que suporta o aprendizado de *ser afetado*. Por outro lado, se formos pensar no mar como aquele que tem a habilidade de ensinar, seria então ele próprio uma espécie de kit que permite ao corpo da pescadora se especializar. Materialidade dos efeitos da diferença (social, simbólica e política) nos corpos, na vida e na trajetória e experiência cotidiana das mulheres (MALUF, 2009, p. 14) que precisam ser abordadas, compreendidas, consideradas. A materialização que a pesca vai registrando no próprio corpo no decorrer do tempo, um corpo que, por



ter sido afetado (LATOURE, 2004) à medida que se especializava, se constitui prova irrefutável de uma profissão que diz quem e porque são.



REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

GERBER, Rose M. *Mulheres e o Mar*. Uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil. Tese [Doutorado]. Florianópolis: UFSC, 2013.

Mulheres e o mar. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2021. E-book-pdf.

LATOURE, Bruno. How to talk about the body? The normative dimension of science studies. In: *Body & Society*. v. 10 (2-3): 205-229, 2004.

MALUF, Sônia. *Por uma antropologia do sujeito: esboços*. Florianópolis, 2009.

Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. Esboços. PPGH/UFSC, v. 9, 2001, p. 87-101.

SEEGER, Antony, DAMATTA, Roberto e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, nº 32, maio 1979, p. 2-19.

VASSEUR, Nadine. Les métamorphoses du temps. In: *Les incertitudes du corps*. Paris: Seuil, 2004, p.185-199.